

A QUESTÃO DA DIFERENÇA NA PRODUÇÃO ACADÊMICA SOBRE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: ANÁLISE PARCIAL SOBRE A PRODUÇÃO DO PERIÓDICO CIENTÍFICO REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE¹

Sissilia Vilarinho Neto²
Simone Leonel de Castro³
Raphael de Lima Moura⁴

Resumo: Este trabalho vincula-se ao projeto de pesquisa “Concepção de diferença na produção acadêmica da Educação Física brasileira”, cujo objetivo geral é apreender, na produção do conhecimento acadêmico sobre educação física escolar no Brasil, o trato com as diferenças, os nexos com as possibilidades de construção da igualdade e as implicações para a formação humana. A presente exposição apresenta resultados parciais da pesquisa, que teve como fonte de coleta dados a Revista Brasileira de Ciências do Esporte, periódico científico do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Trata-se de pesquisa documental, com análise quanti-qualitativa. A coleta de dados foi realizada no site do periódico e considerou toda a publicação disponível desde 1979 até dezembro de 2014. Os descritores para a seleção dos trabalhos foram organizados em temáticas que estruturam a discussão sobre diferença, a saber: temática 1 - diferença e correlatos (com os seguintes descritores: diferença, diversidade, e desigualdade); temática 2 - marcadores de diferença (descritores: gênero, etnia, raça, deficiência, dentre outros); temática 3 - princípio orientador ou condição para viabilizar a aceitação de diferença (descritores: igualdade, inclusão, equidade, integração, dentre outros). Tais descritores foram identificados no título ou palavras-chave dos trabalhos publicados na Revista. Como resultados tem-se que, ao longo dos 35 anos da RBCE, foram identificados nove artigos sobre educação física escolar (todos na seção artigos originais). A maioria contém os descritores: inclusão (8) e equidade (1), que estão agrupados na temática “princípio orientador ou condição para viabilizar a aceitação da diferença”. Todos os nove trabalhos selecionados foram publicados no período de 2000 a 2014, estando concentrados nas regiões sudeste e sul do país (8 trabalhos) e um na região centro-oeste. Observou-se, ainda, que a maioria dos trabalhos foi escrita por mulheres que estão vinculadas a instituições de ensino superior públicas e possuem o título de doutora. Focando, neste momento, a análise nos trabalhos com o descritor inclusão tem-se que eles podem ser organizados nas seguintes categorias temáticas: política pública, fundamentos históricos, acessibilidade, organização do trabalho pedagógico e didática.

Palavras-chave: Educação Física. Escola. Diferença. Desigualdade Social. Produção Acadêmica

PRIMEIRAS PALAVRAS

É muito perceptível hoje que as questões relativas às “diferenças” ganharam grande espaço nas discussões acadêmicas, políticas ou nos movimentos de esquerda. Sabemos também que isso se dá pelo motivo de que os acontecimentos e práticas sociais acabam por fazer com que essas discussões sejam necessárias, ou seja, é a realidade concreta exigindo uma ação sobre esses acontecimentos e práticas. Porém, tem uma questão importante para

¹ Esta pesquisa está vinculada ao Grupo PRAKSIS (Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física, Teoria Social e Educação) da Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD) da Universidade Federal de Goiás (UFG) e foi contemplada com recursos do Programa Bolsas de Licenciatura (PROLICEN), Edital PROLICEN n. 001/2015.

² Coordenadora da pesquisa e orientadora. Docente da FEFD/UFG. Pesquisadora do Grupo PRÁKSIS. Doutora em Educação. E-mail: sissilivilarinho@gmail.com

³ Graduanda do curso de Educação Física, licenciatura, presencial da FEFD/UFG. Pesquisadora de Iniciação Científica do Grupo PRÁKSIS (Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física, Teoria Social e Educação). Participante como bolsista do PROLICEN. E-mail: simone.fef@gmail.com

⁴ Graduando do curso de Educação Física, licenciatura, presencial da FEFD/UFG. Pesquisador de Iniciação Científica do Grupo PRÁKSIS. Participante como voluntário do PROLICEN (Programa Bolsas de Licenciatura). E-mail: raphalmoura@gmail.com

destacarmos aqui. Ao mesmo tempo em que surgem várias discussões acerca da diferença e de vários outros termos que expressam o mesmo interesse em compreender seus significados sociais e seus usos como meios de fortalecer estruturas de dominação cultural; coloca-se no mesmo patamar a questão da desigualdade social. Quer dizer, a questão fundamental a se questionar, que é a opressão de classe, é colocada no mesmo nível que outras discussões como gênero, raça, ecologia. Sabemos a importância de discutir tais questões, porém, não acreditamos ser pertinente fazer tais indagações sem um recorte de classe, que nos permite fazer uma crítica ao modo de produção vigente (WOOD, 1999).

Essa nova forma de se engajar nas discussões e movimentos, de certa forma, separa e desestrutura a classe na medida em que ela se divide em várias lutas diferentes por se ramificarem em diversas esferas, onde cada um se identifica, ou seja, a mulher luta contra o machismo, o negro contra o racismo e o homossexual contra a homofobia. É quando a política de classes cede espaço para a política de identidade (PINA apud EAGLETON 1998).

Então essa questão é discutida nos vários âmbitos: no campo acadêmico, movimentos sociais e políticos. Especificamente, no campo acadêmico da Educação Física o debate em torno das diferenças aparece em forma de proposição contrária aos métodos tradicionais de ensino baseados nos fundamentos biológicos, que até então ocorriam (e ainda ocorrem) na escola (VILARINHO NETO, 2012; PINA, 2008). A articulação de diversos autores para criticar esse modelo ficou conhecida como “*movimento renovador da educação física*”.

Esse movimento foi assim chamado, segundo Vilarinho Neto (2012, p. 42)

Para caracterizar as mudanças ocorridas neste campo acadêmico iniciada nos anos de 1970 e desenvolvidas por aproximadamente 20 anos. Este movimento desencadeou, inicialmente, um processo de questionamento das bases biológicas e médicas que historicamente deram (e dão ainda) sustentação para a Educação Física, especialmente na escola, e a conseqüente forma fragmentada e dualista pela qual a Educação Física vinha educando.

Partes dos autores da educação física, neste período, voltaram sua atenção para a forma como a educação física estava sendo tratada na escola, e a partir daí se constituíram várias perspectivas de pensamento que vão contrapor o que a educação física vinha trabalhando até então. As maiores críticas estão relacionadas à forma em que os alunos eram excluídos das aulas, pois a educação física tinha um caráter totalmente homogeneizador. Então as aulas se limitavam a quem estava “apto” física e fisiologicamente a participar delas.

Essas discussões e essa nova preocupação deram espaço para o surgimento de várias formas de se enxergar a realidade da educação física escolar e as várias questões que estavam relacionadas às aulas na escola.

A DISCUSSÃO SOBRE DIFERENÇA NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Conforme Vilarinho Neto (2012), os autores que mais têm contribuído para fundamentar teoricamente a discussão conceitual sobre a diferença no campo da Educação Física são Jocimar Daolio, Valter Bracht e Marcos Garcia Neire. Vilarinho Neto (2012) identificou que esses autores têm abordado o conceito a partir do campo da linguagem, ressaltando os símbolos e os processos comunicativos. Portanto, nos chama a atenção para observar que esses autores acreditam que a linguagem é determinante da realidade, logo produz a diferença. Sendo assim, também é no âmbito da linguagem que se é possível combater as diversas formas de preconceitos.

Assim, para Bracht, a possibilidade formativa da diferença está na criação de espaços significativos de diálogo constante e infundável. Tais espaços sociais devem primeiro, afirmar a diferença como uma universalidade e, segundo, lidar com a tensão entre a lógica cognitiva ordeira e a ambivalência/diferença, ambas produzidas no cotidiano dos indivíduos. Os espaços de diálogo permitem potencializar o pensamento individual e, por conseguinte, romper com a estrutura cognitiva moderna.

Para Daolio, a possibilidade de contrapor preconceitos está na compreensão da eficácia simbólica dos símbolos significantes expressos pelo corpo e no corpo, no interior de um grupo cultural. Para tanto, a compreensão deve ser orientada pelo princípio da alteridade, que possibilita a contraposição aos diversos preconceitos.

De acordo com Neira, a possibilidade formativa e também de transformação da realidade cultural do indivíduo está nas representações produzidas no interior das culturas. As representações produzem – por meio de relações de poder por significação – “efeitos de verdade” sobre os seres humanos e sobre noções de justiça social. Estes efeitos de verdade devem ser interpretados pelos próprios integrantes da cultura a fim de compreender mais profundamente seu repertório cultural. (VILARINHO NETO, 2012, p.70)

É fato, para nós, que o homem se humaniza na medida em que se relaciona com a natureza de forma consciente por intermédio do trabalho, ou seja, sua sobrevivência só é possível por ele ser capaz de transformar a natureza de acordo com suas necessidades. E o homem é histórico, pois é capaz de dar continuidade ao que foi produzido por seus ancestrais. Isso é possível pelo fato de conseguir se comunicar com seus pares através da linguagem. Portanto, entendemos a importância da linguagem para entender as relações. Mas o que realmente nos importa para explicar e modificar a realidade é a categoria trabalho, pois é através dele que se produz a cultura.

Entendemos que a linguagem é o elemento que expressa o que de fato os homens estão produzindo, ou seja, expressa a cultura. Essa cultura é produzida na base da sociedade. Conforme Williams (2011, p. 46), “‘A base’ é a existência social real do homem. ‘A base’ são as relações de produção que correspondem a fase de desenvolvimento das forças produtivas

materiais. ‘A base’ é um modo de produção em um determinado estágio de seu desenvolvimento”. Desta forma, base é onde os seres humanos desenvolvem sua atividade por meio de relações sociais, possibilitando o desenvolvimento de formas de cultura como arte, música, literatura, educação etc., isto de acordo com determinado momento e forma de desenvolvimento do modo de produção.

A linguagem, o discurso, são elementos gerados da própria atividade humana, na base. Esses elementos produzidos pelo trabalho na base formam um conjunto de ideias que expressam os interesses de quem detém controle sobre o modo de produção. A isso chamamos de superestrutura (WILLIAMS, 2011). Logo percebemos que os autores da Educação Física utilizam uma categoria, a linguagem, que, como vimos, está locada na superestrutura, para se debruçarem sobre a questão da diferença nas aulas de educação física de modo a incluir todos com suas diferenças sendo respeitadas, aceitas e até celebradas.

Entretanto, o que se questiona é que a abordagem dada à linguagem por estes autores não considera a relação da produção cultural com as outras forças produtivas materiais. Isso implica no não questionamento da principal forma de opressão, a desigualdade de classes.

Entendemos que questões como racismo, machismo, homofobia etc., acompanham a humanidade desde antes da ascensão da sociedade burguesa. Sociedade burguesa essa que utiliza da exploração da mão de obra do trabalhador para gerar riquezas. Então como pensar em inclusão e igualdade numa sociedade que é sustentada pela desigualdade de classe e que, ao mesmo tempo, mantém e intensifica formas de exploração, dominação e exclusão de outros períodos históricos?

O que nos parece é que na produção acadêmica de Bracht, Daolio e Neira as pessoas que apresentam alguma característica diferente da “normalidade” estão sendo excluídos da sociedade e que para eles serem aceitos com essas diferenças, seria suficiente mudar o entendimento sobre essas diferenças através da linguagem. Isso se desdobra em não se ater que o atual sistema não se preocupa se o negro, o homossexual ou a mulher é discriminado. Sua grande preocupação é em como explorar ainda mais a classe trabalhadora de modo a extrair mais-valia.

Temos que entender que essas formas de preconceitos são práticas residuais, ou seja, cultura que sobreviveu ao tempo por não ameaçar o sistema (WOOD, 1999). Assim, na medida em que essas discriminações são hegemonicamente reproduzidas, legitimam a exploração do negro, da mulher, do homossexual, do transexual de forma a abrir espaço para o capital explorar ainda mais esse trabalhador (WOOD, 1999).

Acreditamos que para entender como as discriminações atuam em nossa sociedade, temos que entender de que forma elas se legitimam.

Existe um sistema hegemônico que faz com que valores e normas sejam tratados como corretos e legítimos. A hegemonia capitalista possui um “sistema central de práticas” que seleciona e legitima costumes e formas de pensamentos que são renovados e reforçados na vida cotidiana das pessoas que às reproduzem cotidianamente. Conforme Williams (2011, p. 53),

Trata-se de todo um conjunto de práticas e expectativas; o investimento de nossas energias, a nossa compreensão corriqueira da natureza do homem e do seu mundo. Falo de um conjunto de significados e valores que, do modo como são experimentados enquanto práticas, aparecem confirmando-se mutuamente.

Há que se considerar ainda que no modo de produção capitalista, a estrutura da desigualdade não exclui ninguém da sociedade, mas sim o mantém à margem do acesso aos bens produzidos socialmente. Segundo Fontes (apud PINA, 2010), isto pode ser entendido como “*exclusão interna*”, pois essas pessoas não estão “fora” do modo de vida, que é ajustado pelo mercado, como nos explica (PINA, 2010, p.130)

A afirmação de que grupos sociais foram excluídos, mantidos totalmente de fora, desconsidera que, independentemente da forma pela qual as populações ou grupos sociais se conectam às relações sociais capitalistas, todos fazem parte dessas relações, sendo de alguma forma afetados por elas. Inúmeros acontecimentos, fatos, fenômenos que, à primeira vista, parecem absolutamente independentes, formam, na verdade, um sistema cuja coesão é garantida pelo princípio do capital, que submete todos e cada elemento da vida social à sua lógica [...]. A partir dessa submissão à intenção e objetivação do contínuo acúmulo de capital, inúmeros grupos sociais são obrigados a se adequar ao modo de vida exigido pelo bloco no poder. Dentre tais formas de enquadramento, encontra-se a segregação dos indivíduos considerados anormais, que se configura como uma “*exclusão interna*” [...] e não como uma exclusão do sistema enquanto tal.

Assim, para que a própria existência da nossa atual forma de organização social se mantenha é necessário que homens e mulheres continuem discriminando e subjugando aqueles que são considerados diferentes. Na estrutura de dominação da sociedade, é pertinente que discriminações permaneçam, pois possibilita o desenvolvimento de subclasses de pessoas marginalizadas, garantindo a intensificação de formas de exploração.

METODOLOGIA DA PESQUISA

Trata-se de pesquisa documental, por meio de análise de artigos científicos publicados na Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE), nas edições publicadas de 1979 a 2014.

A pesquisa documental é, para Gil (1999), semelhante à pesquisa bibliográfica. O que as diferencia são as fontes. Enquanto a pesquisa bibliográfica tem como fonte a contribuição

de diversos autores sobre um tema específico, a pesquisa documental utiliza-se de fontes que ainda não receberam tratamento analítico ou que podem ser reelaborados a partir dos objetivos da pesquisa.

A opção por considerar toda a produção do periódico, desde a sua primeira edição até dezembro de 2014 justifica-se, por um lado, por permitir acompanhar quando e em que condições as temáticas relacionadas à diferença aparecem. Por outro lado, a produção deste periódico poderá ser comparada com a produção de outros periódicos que compõem a totalidade desta pesquisa e que são fontes de coleta de dados, possibilitando avançar na análise sobre o desenvolvimento do tema no campo da Educação Física.

A coleta de dados foi realizada na internet, no site da Revista Brasileira de Ciências do Esporte (www.rbceonline.org.br), nos meses de março e abril do ano de 2015.

Por apreender a natureza da Educação Física “como um tipo específico de educação”, que, ao desenvolver a “natureza biofísica do homem, também desenvolvem fundamentalmente sua natureza humana” (SÁNCHEZ-GAMBOA, 2010, p. 35-36, colchetes nossos), optou-se por selecionar trabalhos que abordam o objeto à luz do referencial teórico constituinte das Ciências Sociais e Humanas. Considera-se que o envolvimento da Educação Física com as problemáticas advindas do processo educacional do homem requer o trato com abordagens teóricas que, ao menos tomem o homem como dependente dos processos sócio-históricos.

Ademais, hegemonicamente a temática da diferença no campo escolar é tomada como constituída social e culturalmente e, portanto, não está estritamente determinada pela condição biofísica do indivíduo, mas, a condição biofísica do indivíduo está subordinada às relações sociais de produção da vida, que atribuem significados, sentidos e usos às diferenças.

Embora a diferença seja uma categoria central na presente investigação e o interesse do estudo esteja em identificar como o campo acadêmico tem se apropriado conceitualmente desta categoria, tem-se como tese que na produção da Educação Física a diferença ainda não aparece como alvo de uma discussão conceitual. Todavia, além da compreensão ontológica da realidade social envolvida na discussão da diferença, o uso deste termo nas produções remete a construção de sentidos sobre a materialidade histórica, bem como orienta, de alguma forma, a prática social no campo acadêmico e profissional da Educação Física. Desta forma, o levantamento documental considerou temáticas relacionadas à diferença no âmbito da educação física escolar. No site, a busca pelos descritores definidos para a coleta se deu nos títulos e palavras-chave dos trabalhos publicados.

Abaixo, os descritores estabelecidos para a pesquisa:

Quadro 1: Descritores para selecionar documentos, a partir do título e/ou da palavra-chave

Temáticas relacionadas à diferença	Descritores
Diferença e correlatos	Diferença, Diversidade, Desigualdade
Marcadores de diferença	Gênero (meninos, meninas), deficiências (em geral ou específica), etnia/raça, cor da pele etc.
Princípio orientador ou condição para viabilizar a aceitação da diferença	Inclusão, Integração, Igualdade, Equidade etc.

Os dados serão analisados numa perspectiva quanti-qualitativa.

Para a análise qualitativa será usada a técnica de análise de conteúdo, conforme proposto por Bardin (2010). Para Bardin, a análise de conteúdo “é um conjunto de técnicas de análise das comunicações” (2010, p. 33), que tem por finalidade empreender um esforço de interpretação garantindo “o rigor da objetividade e a fecundidade da subjetividade” (BARDIN, 2010, p. 11).

A análise de conteúdo, como técnica para analisar documentos pertinentes às pesquisas científicas, pode possibilitar fazer inferências acerca das condições de produção de determinado tema, categorias, bem como as implicações para determinado campo de conhecimento e para a realidade social.

Nessa pesquisa propõe-se fazer análise categorial temática, com o objetivo de descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência signifiquem algo para o objetivo analítico visado. Essa análise se dá por operações de desmembramento do texto em unidades e categorias para posterior reagrupamento analítico (MINAYO, 1998).

Conforme Souza Junior et. al. (2010, p. 35), um procedimento importante na análise de conteúdo é a elaboração de indicadores que indiquem: a) elemento central (temática sintética acerca do que se pretende investigar); b) operacionalização (como essa temática se expressará); c) categoriais analíticas e empíricas; d) pontos para orientar a investigação (questões gerais que orientam o problema da pesquisa).

Nessa pesquisa, os indicadores serão assim considerados:

Quadro 2: Indicadores para desenvolvimento da análise de conteúdo

Elemento central:	Educação física, diferença e universalização da educação básica.
Operacionalização:	Tratamento dado à diferença na produção acadêmica sobre educação física escolar
Categorias analíticas:	Diferença, igualdade substantiva, educação física escolar.
Categorias empíricas⁵:	Inclusão nas aulas de educação física; política educacional; metodologias de ensino; organização do trabalho pedagógico; currículo
Pontos de	Como a produção acadêmica no âmbito da educação física escolar tem se apropriado da

⁵ As categorias empíricas são definidas como uma forma de apanhar o movimento dos dados no campo de investigação; não são, pois, estáticas e podem ser reformuladas e ampliadas conforme a realidade empírica.

orientação:	diferença como categoria de análise? Quais as implicações da apropriação conceitual da diferença para a reflexão acerca da relação educação física, universalização da educação básica e formação humana? Quais as relações entre diferença, educação do corpo e formação humana na produção sobre educação física escolar?
--------------------	---

RESULTADOS:

Panorama geral da produção da RBCE em torno dos temas relativos ao debate sobre diferença e educação física escolar

A Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE) foi criada no ano de 1979 de forma impressa e passando a ter versão digital no ano de 2008, sobre responsabilidade do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE). Criado em 1978, o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) é uma entidade científica que congrega pesquisadores ligados à área de Educação Física/Ciências do Esporte. Organizado em Secretarias Estaduais e Grupos de Trabalhos Temáticos, liderados por uma Direção Nacional, possui representações em vários órgãos governamentais, é ligado à Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e está presente nas principais discussões relacionadas à área de conhecimento. Além da RBCE o CBCE organiza a cada dois anos o Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE).

A RBCE tem periodicidade quadrimestral e, atualmente só é publicada no formato eletrônico. Oferece acesso livre de todo seu conteúdo. Possui a avaliação Qualis Capes B1. Publica artigos originais em língua portuguesa, espanhola e inglesa que sejam de pesquisas com reflexões teóricas aprofundadas ou investigação empírica rigorosa e também artigos de revisão e resenhas. Convida pesquisadores renomados na área da Educação Física e do Esporte para fazer publicações nela. Também publica artigos apresentados em eventos científicos e artigos traduzidos de revistas estrangeiras, desde que se enquadrem nas normas de avaliação e publicação da revista. (www.rbceonline.org.br)

Os trabalhos podem ser enviados a qualquer tempo e direcionados para uma das seções, os textos posteriormente, serão encaminhados um grupo de pareceristas *ad hoc*, os que tiverem avaliações discordantes são encaminhados a um terceiro parecerista para fins de desempate. (idem)

Ao longo dos 35 anos de existência da RBCE, identificamos 17 trabalhos que apresentavam algum dos descritores da pesquisa. Tais trabalhos foram localizados nas seções

artigos originais. Dentre os 17 encontrados, nove com o tema voltado para educação física escolar, conforme ilustra o quadro 3.

Quadro 3 – Quantidade de trabalhos selecionados por descritores, na RBCE, de 1979 a 2014

Temáticas relacionadas à diferença	Descritores	N*
Diferença e correlatos	Diferença	-
	Diversidade	-
	Desigualdade	-
Marcadores de diferença	Gênero (meninos, meninas)	02
	Deficiências (em geral ou específica)	01
	Etnia/raça	-
	Cor da pele	-
	Outros	-
Princípio orientador ou condição para viabilizar a aceitação da diferença	Inclusão	05
	Integração	-
	Igualdade	-
	Equidade	01
	Outros	-

*N – quantidade de trabalhos selecionados

Dos onze descritores estabelecidos sobre diferença para a pesquisa, quatro foram encontrados. Os descritores apreendidos foram, gênero, diferença, equidade, inclusão. O descritor inclusão foi o que mais foi encontrado tanto nas palavras-chaves como no título, pois devido a questões históricas o mesmo passou ser motivo e reflexão a cerca da prática pedagógica. Desde meados de 1990, as pessoas com deficiências e limitações passaram a participar de atividades sociais e educacionais de forma inclusiva, porém se passaram 25 anos e ainda este é uma lacuna a ser refletida para a prática pedagógica, pois, principalmente no ambiente escolar o currículo e os aspectos estruturais ainda não são trabalhados de forma a atender a todos, sendo eles com deficiências e ou limitações.

Os períodos de publicação da revista foram divididos tomando por referência décadas e, ao mesmo tempo, buscando contemplar o desenvolvimento do campo acadêmico: de 1979 a 1989, período do início da denominada crise da Educação Física brasileira (MEDINA, 1996); de 1990 a 1999, período de crítica e de elaboração de abordagens pedagógicas críticas para o ensino de Educação Física na escola; de 2000 a 2014, período de amadurecimento teórico e de avaliação do impacto das abordagens pedagógicas críticas na escola.

O quadro 4 revela que a produção de artigos com os descritores da pesquisa na RBCE começaram a aparecer a partir do ano de 2002, com um total de nove artigos, tendo um número maior de publicações no ano de 2011 com quatro publicações neste ano. De todos os descritores encontrados o que aparece mais vezes é o descritor inclusão que se relaciona com princípio orientador da pesquisa, aparecendo tanto no título quanto nas palavras chaves.

Quadro 4 – Trabalhos com os descritores da pesquisa, publicados na RBCE, de 1979 a 2014

Período de Publicação	Trabalho Selecionado		Descritor Identificado	Localização do descritor	
	Ano	N*		Título	Palavra-chave
1979 a 1989	-	-	-	-	-
	-	-	-	-	-
1990 a 1999	-	-	-	-	-
	-	-	-	-	-
2000 a 2014	2002	01	Inclusão	x	x
	2004	01	Inclusão	x	x
		01	Integração/Inclusão	x	x
	2007	01	Inclusão	x	x
	2011	01	Equidade	x	x
		01	Inclusão	x	x
		01	Gênero	x	x
	2012	01	Gênero	-	x
2013	01	Deficiência	-	x	

*N – quantidade de trabalhos selecionados

Durante o presente estudo houve preocupação em se identificar a região e as instituições de ensino superior que os estudos publicados se originam como mostra os quadros cinco e seis, pois através deste mapeamento podemos caracterizar quais são os objetos de estudo destas regiões e como os mesmos estão inseridos na formação de professores e também como estes influenciam na prática pedagógica no campo da escola.

Quadro 5 – Regiões geográficas dos autores dos trabalhos selecionados na RBCE, de 1979 a 2014.

Região Geográfica	Brasil					Exterior						
	N	NE	S	SE	CO	Af	AN	AC	AS	Aa	E	OC
Quantidade a partir dos trabalhos com discussão sobre diferença no contexto escolar	-	-	04	04	01	-	-	-	-	-	-	-

Legenda: N (norte), NE (nordeste), S (sul), SE (sudeste), CO (centro-oeste), Af (África), AN (América do Norte), AC (América Central), AS (América do Sul), Aa (Ásia), E (Europa), OC (Oceania)

Podemos verificar que a produção de artigos sobre a temática da pesquisa se deu em três regiões, quatro artigos na região Sul, quatro artigos na região Sudeste e apenas um na região Centro-Oeste e nenhum nas demais regiões. Dois dos artigos encontrados tem autores de instituições diferentes, mas pertencentes a mesma região. Não foram encontrados artigos de origem estrangeira.

As regiões Sul e Sudeste somaram uma produção de oito artigos. Isto se deve ao fato dessas regiões, no atual cenário da Educação Física brasileira, apresentarem os maiores números em quantidade de programas de pós- graduação em Educação Física. Segundo Quadros, Afonso e Ribeiro (2013), a região Sul possui 28 linhas de pesquisas que compõem

os programas de pós-graduação, e a região Sudeste apresentam os programas melhores avaliados e os cursos de doutorados mais consolidados, isto indica que estas regiões têm gerado tanto quantitativamente como qualitativamente as maiores produções de conhecimento no campo da Educação Física.

O quadro 6 informa o nome das instituições de vínculo dos autores em cada região geográfica e respectivamente a quantidade de vezes que elas apareceram nos trabalhos.

Quadro 6 - Instituições de vínculo dos autores distribuído por regiões geográficas do Brasil, na RBCE, de 1979 a 2014

Região	Instituições	Quantidade de autores com vínculo institucional a partir dos trabalhos com discussão sobre diferença no contexto escolar
Sul	Unidade Integrada Vale do Taquari de Ensino Superior	03
	Universidade Federal do Paraná	02
	Universidade Federal de Pelotas	02
	Universidade Federal de Santa Catarina	01
	Sub total	08
Sudeste	Universidade Estadual de Campinas	04
	Universidade Federal do Espírito Santo	02
	Universidade Federal de Uberlândia	02
	Universidade Presbiteriana Marckenzie	01
	Sub total	09
Centro-Oeste	Universidade Federal de Goiás	01
	Sub total	01
Nordeste	-	-
	Sub total	-
Norte	-	-
	Sub total	-

Quando relacionamos o quadro 5 e 6 percebemos que a maioria dos estudos encontrados são de universidades públicas mostrando assim que estas instituições preocupam com o caráter social em suas pesquisas e práticas pedagógicas. Em contra partida na região sudeste apresenta o maior número de estudo encontrados com os descritores delimitados no presente estudo, isso faz refletir que é a região em que se tem a maior preocupação destes descritores na formação de professores assim como a sua prática pedagógica e a mesma sendo voltada de forma concreta para com a sociedade.

A maioria dos autores dos trabalhos possui o título de doutor, como podemos ver de forma numérica no quadro 7.

Quadro 7 – Autores por titulação e sexo nos trabalhos com discussão sobre diferença no contexto escolar, na RBCE, de 1979 a 2014

Titulação dos autores	Licenciado		Especialista		Mestre		Doutor		Não encontrado	
		02		0		05		12		0
Sexo dos autores	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M
	2				5		7	5		

Legenda: F (feminino); M (masculino).

Dos 19 autores representados acima 17 deles são mestres e doutores, enquanto 02 deles são licenciados, não foi encontrado nenhum com a titulação de especialista. Com relação a maioria dos autores ser mulheres pode estar relacionada com a aproximação da mesma com o campo pedagógico e afinidade que geralmente é mais comum quando comparado com o sexo masculino. Nota-se que a quantidade de mulheres que fazem esta discussão é maior que a quantidade de homens, em números exatos temos 19 autores, onde 14 são mulheres e cinco são homens. Das 14 mulheres sete possuem o título de doutora, cinco de mestre e duas delas estão na graduação.

Análise do descritor inclusão – primeiras aproximações

Neste momento apresentaremos as primeiras aproximações em torno do descritor inclusão.

Nesta pesquisa, o descritor inclusão está classificado como um princípio orientador ou condição para viabilizar a aceitação da diferença. No levantamento realizado na RBCE, inclusão foi o descritor mais presente nos títulos e palavra-chave dos trabalhos selecionados.

Ao analisarmos os objetivos gerais dos artigos sobre inclusão, foi possível organizá-los em temáticas, conforme se observa no quadro 8.

Quadro 8: Organização temática dos artigos selecionados com o descritor inclusão na RBCE, 1979 a 2014

Descritor	N	Categoria Temática	Descrição do tema	Ano de publicação	Localização na RBCE
Inclusão	01	Política Pública	Políticas públicas educacionais vinculadas ao princípio de inclusão	2002	v.23, n.2 (p.31-42)
	01	Fundamentos Históricos	Histórica, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI	2004	v.25, n.3 (p.27-42)
	01	Organização do trabalho pedagógico	Arranjos diádicos para uma esfera educacional menos alienada e excludente	2004	v.25, n.3 (p.43-56)

01	Didática	Repercussões do processo didático em aula de Educação Física da rede regular de ensino	2007	v.28, n.2 (p.103-119)
01	Acessibilidade	Condições de acessibilidade de uma aluna na escola e nas aulas de Educação Física	2011	v.33, n.1 (p.87-102)

Pode-se perceber a inclusão vem sendo debatida, de forma mais intensa, desde meados da década de 1980. Porém, no Brasil, percebe-se que, no campo educacional, é após a Leis de Diretrizes e Bases da Educação, de 1996, que se intensificam os estudos e intervenções pedagógicas em torno da inclusão escolar, inicialmente, de pessoas com deficiência e posteriormente de outras pessoas que sofram alguma discriminação seja por sexo, cor da pele ou etnia. Possivelmente isto tenha relação com a temática do primeiro artigo selecionado, pois o mesmo desenvolve reflexão sobre como o Estado trata a inclusão em suas políticas e ações governamentais. Esta pesquisa foi desenvolvida no ano de 2002.

Observa-se que na RBCE somente dois anos depois do primeiro artigo selecionado é que foi possível localizar outro artigo que tratasse de alguma questão referente à inclusão na escola. Em 2004, foram dois artigos selecionados. O primeiro buscou compreender os fundamentos históricos que influenciaram e motivaram este processo de inclusão. Os autores fizeram um resgate histórico sobre inclusão no mundo e de forma específica no Brasil. Neste mesmo ano a Revista também publicou outro estudo sobre as implicações das políticas na organização do trabalho pedagógico.

Decorridos mais três anos, em 2007, identificou-se um estudo que objetivou discutir aspectos pedagógicos no campo das aulas de educação física escolar, promovendo assim uma reflexão acerca da prática pedagógica dentro da estrutura pedagógica do campo da educação física. Por fim, em 2011, o descritor aparece em uma publicação em forma de reflexão através de relato de experiência pedagógica nas aulas de educação física do ensino fundamental onde é tratada a inclusão de uma aluna com deficiência visual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta análise inicial já foi possível perceber que, quantitativamente, a produção da RBCE sobre a questão da diferença esteve focada no descritor inclusão, sendo este considerado um princípio orientador e/ou condição para viabilizar a aceitação da diferença.

Do ponto de vista qualitativo, pode-se afirmar ainda, que a produção buscou abarcar os fundamentos políticos e históricos sobre a inclusão de diferentes, mas a maioria dos trabalhos focaliza as reflexões nos processos de intervenção pedagógica, seja no âmbito da organização do trabalho pedagógico da escola, seja no aspecto restrito à aula de Educação Física.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. 4 ed. revista e atualizada. Edições 70, Lisboa 2010.
- COSTA, A. M.; SOUSA, S. B. Educação física e esporte adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas v. 25, n. 3, p. 27-42, maio, 2004.
- FALKENBACH, A. P.; DREXSLER, G.; WERLE, V. Didática da educação física e inclusão. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas v. 28, n. 2, p. 103-119, janeiro, 2007.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa em Ciências Sociais*. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- MAZZARINO, J. M.; FALKENBACH, A. P.; RISSI, S. Acessibilidade e inclusão de uma aluna com deficiência visual na escola e na educação física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas v. 33, n. 1, p. 87-102, janeiro, 2011.
- MEDINA, J. P. S. *A Educação Física cuida do corpo e... 'mente'*. Campinas: Papyrus, 1987.
- MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 5. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1998.
- OLIVEIRA, C. B. Inclusão educacional: intenções do projeto em curso. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas v. 23, n. 2, p. 31-42, janeiro, 2002.
- PINA, L. D. Crítica ao discurso pós-moderno sobre diferença. In: VI Seminário do Trabalho: trabalho, economia e educação, 2008, Marília. *Anais do VI Seminário do Trabalho: Trabalho, Economia e Educação*, 2008.
- PINA, L. D. Sociedade inclusiva. *Filosofia e Educação*, v. 2, p. 127-149, 2010.
- RODRIGUES, G. M. et al. Demarcações sociais e as relações diádicas na escola: considerações acerca da inclusão. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas v. 25, n. 3, p. 43-56, maio, 2004.
- SOUZA JUNIOR et. al. A análise de conteúdo como forma de tratamento dos dados numa perspectiva qualitativa em Educação Física escolar. *Movimento*, v. 16, n. 3, 49, jul/set, 2010.

QUADROS, H. M; AFONSO, M. R; RIBEIRO, J. A. B. *O Cenário da Pós-Graduação em Educação Física: Contextos e possibilidades na região sul do Brasil. Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde*. Pelotas RS, p. 574-586, Setembro, 2013.

VILARINHO NETO, S. A questão da diferença na Educação Física: as concepções de Jocimar Daolio, Marcos Garcia Neira e Valter Bracht. 2012. 117p. Tese (Programa de Pós-graduação em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

WILIAMS, R. *Cultura e Materialismo*. 1º edição. São Paulo: Inesp, 2011.

WOOD, E. M. *Democracia contra capitalismo: a renovação do materialismo histórico*. 2reimp. Tradução de Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.